

Rorty & Habermas: Nota sobre duas concepções de verdade

Laiz Fraga Dantas

Introdução

Este artigo tratará do debate entre Rorty e Habermas em torno do que é “verdade” e o papel da “justificação”. Ambos partem de uma virada lingüística e pragmática e concordam com a superação da noção de verdade por correspondência e com a idéia da “produção” da verdade pela linguagem. Mas, apesar de tomarem como base praticamente o mesmo paradigma teórico, discordam no tratamento do que pode ser considerado verdadeiro.

Com a virada lingüística e pragmática, o “modelo correspondentista” da verdade deixou de fazer sentido e ela deixou de ser vista como a correspondência entre o sujeito cognoscente e objeto conhecido. Segundo uma teoria pragmática do significado, não só o pensamento é comunicado, mas um fato é compartilhado. A verdade não se resume a um conteúdo proposicional, ela está ligada a razões que respondem à necessidade de uma situação prática e interação entre homens.

Diante desse paradigma, Habermas e Rorty chegam a concepções distintas do que é verdade. De forma geral, para o primeiro a verdade é obtida por um consenso que supõe o diálogo racional e uma relação de intersubjetividade. A verdade é resultado do consenso idealizado e deve transcender ao contexto do diálogo. Para Rorty, por outra parte, a verdade depende inteiramente do contexto e é válida na medida em que responde a uma necessidade prática.

Habermas e a convergência (mas não equivalência) entre verdade e justificação

Habermas propõe uma concepção anti-representacionista da linguagem segundo a qual a verdade não pode ser determinada a partir do exame da relação entre o sujeito cognoscente e mundo. A realidade e a linguagem se interpenetram de forma tal que a simples comparação de uma sentença proferida com um estado de coisas no mundo se mostra impossível, pois, para tanto, deveríamos nos transportar para além da nossa condição de usuários de linguagem, o que é impossível. Não há como se libertar do “círculo mágico da linguagem”, pois toda justificação considerada verdadeira está apoiada em crenças e apropriações lingüísticas anteriores, e, portanto, está imersa na linguagem.

Ademais, para Habermas a linguagem não se presta simplesmente a descrever um certo estado de coisas no mundo, mas, vai além, e é em si mesma a realização de uma ação. Para ele, expressar-se linguisticamente implica em agir, haja vista que estamos sempre interagindo com as coisas que descrevemos com a linguagem. Assim, torna-se impossível qualquer cisão entre a prática e os chamados “jogos de linguagem”.

Nas práticas do dia-a-dia, não podemos usar a linguagem sem agir. A própria fala se realiza na forma de atos de fala, que por sua vez repousam sobre contextos de interação e estão entrelaçados com ações instrumentais. Como atores, isto é, como sujeitos integrantes e intervenientes, já estamos sempre em contato com as coisas acerca das quais podemos fazer afirmações.¹

Esta concepção de linguagem supõe indivíduos socializados que compartilhem certas convicções com relação ao mundo, de forma que este seja objetivo e independente das nossas descrições.

1. HABERMAS, Jürgen. A virada pragmática de Richard Rorty (Contextualismo, razão e naturalização) p. 185.

Assim, vale destacar que tal entrelaçamento entre realidade e linguagem não encerra em si qualquer ceticismo com relação ao conhecimento do mundo exterior. Ao contrário, a interação comunicativa e a partilha intersubjetiva de conteúdos sobre a realidade compartilhada bem como o conjunto das práticas do “mundo da vida”, afastam qualquer dúvida deste gênero. Habermas propõe, no lugar de um sujeito transcendental, que conhece o mundo partir de suas estruturas mentais, sujeitos que em suas práticas comunicativas se referem a um mundo objetivo compartilhado.

A obtenção de entendimento não pode funcionar, a menos que os participantes refiram-se a um só mundo objetivo, dessa forma estabilizando o espaço público, intersubjetivamente compartilhado, com o qual tudo o que é meramente subjetivo pode ser contrastado. (HABERMAS, ano p.186)

Na fala, não só o pensamento é comunicado, mas algo com relação ao mundo é compartilhado. A verdade não se resume a um conteúdo proposicional, ela está ligada as práticas de comunicação intersubjetivas que procedem segundo um horizonte de crenças compartilhado.

Dessa forma, Habermas propõe uma conexão interna entre verdade e justificação discursiva além de um compromisso entre nossas asserções e o mundo compartilhado. Conexão esta que explicará como as evidências a nós postas nos contextos de justificação são suficientes para que possamos fazer alegações de verdade com pretensões de validade que vão além do contexto. Ao mesmo tempo a verdade – por ser obtida por um consenso público em que os falantes entram em acordo com relação à aceitação ou não de alguma assertiva – estaria vinculada a uma justificação bem-sucedida no nosso contexto justificatório. Este consenso entre os falantes não é definitivo e pode mudar ao longo do tempo.

Habermas conclui que a verdade não pode ser identificada à certeza objetivamente verificada, tampouco pode ser resumida a asserção bem justificada. Ele distingue a “certeza comportamental” sobre o mundo e as asserções justificadas por um conjunto de argumentos racionais passados pela aceitabilidade pública. Apesar de importantes na vida cotidiana, as certezas comportamentais carecem da confiabilidade oferecida pela argumentação racional. Aquelas certezas tornam-se constantemente duvidosas e precisam ser submetidas ao campo da argumentação para assim serem testadas discursivamente. Ao mesmo tempo que uma proposição, justificada segundo “nossos” padrões, distingue-se de uma proposição verdadeira, da mesma maneira que uma proposição justificada, num dado contexto, distingue-se de uma proposição que poderia ser justificada em qualquer contexto.²

A verdade mantém relação com o mundo da ação que é reverenciada pela linguagem num contexto de aceitabilidade racional. Para Habermas, a verdade é dependente tanto das certezas comportamentais como das justificações racionais, construindo um conceito de verdade que é ao mesmo tempo fruto das relações interpessoais e transcendente.

Nem todo discurso argumentativo é considerado como verdadeiro. Não é em qualquer contexto nem em qualquer diálogo que se pode construir a verdade. Para que haja uma compreensão compartilhada e para que se garanta a diferença entre um consenso verdadeiro e um falso, é preciso que certas condições de fala sejam satisfeitas: direitos de fala iguais, sinceridade, não-violência, autenticidade. Tais condições garantiriam um diálogo racional direcionado ao consenso, impedindo o exercício de discursos direcionados à manipulação. Uma proposição em princípio é “verdadeira” se ela pode ser justificada sob

2. HABERMAS, Jürgen. A virada pragmática de Richard Rorty (Contextualismo, razão e naturalização) p. 194.

condições epistêmicas ideais, ou se pode conquistar concordância argumentativamente alcançada numa situação ideal de fala.³

O consenso construído em um diálogo racional, respondendo às condições de fala, gera em princípio uma verdade que, apesar de construída na ação entre falantes particulares, transcende a contingência do momento do diálogo e pode ser projetada com um alcance universal. Isso se deve ao fato de que a situação de comunicação lingüística guarda em si uma racionalidade universal que se funda na capacidade de entendimento mútuo. Assim, para Habermas, uma assertiva que se considere verdadeira deve ter o compromisso de poder ser justificada em qualquer contexto e para qualquer auditório de usuários de linguagem.

Esse conceito discursivo de verdade une contingência da prática comunicativa e a universalidade da verdade. Sua construção não decorre somente da evidência no mundo, mas decorre de razões justificadas. A verdade que o falante pretende para seu enunciado transcende o contexto da comunicação. Habermas rejeita a incomensurabilidade da concepção contextualista. Para os contextualistas, como Rorty, cada cultura, cada forma de vida teria características próprias, peculiares e não há medida comum, independente ou neutra entre elas. Habermas entende que existe um traço universal que permeia todas as formas de cultura, esta universalidade estaria expressa na racionalidade intrínseca a linguagem.

Rorty e o contextualismo da verdade

A relação entre a verdade e justificação proposta por Habermas, dentro do contexto de sua ética do discurso e da sua teoria do agir comunicativo, provoca uma série de objeções de Rorty. Lidando com

3. HABERMAS, Jürgen. A virada pragmática de Richard Rorty (Contextualismo, razão e naturalização) p. 194.

os conceitos de verdade e racionalidade, Habermas pretende sustentar a idéia de uma racionalidade universal que permeia a linguagem e permite o entendimento mútuo. Essa pretensão de entendimento supõe um mundo objetivo compartilhado por todos os falantes. O consenso se realiza por meio da relação interpessoal e da comunicação, mas, ao mesmo tempo, é resultado de uma pretensão universal. Esta racionalidade que permeia o discurso cobra uma validade para os consensos discursivos que é independente das circunstâncias e do contexto. Essa transcendência de Habermas soa estranha ao contextualismo de Rorty.

Para Rorty, a proposta de Habermas de que uma afirmação deve poder ser justificada para qualquer audiência em qualquer contexto não é exequível. Para Rorty não faz sentido considerar justificada uma idéia de validade incondicional para além do contexto da afirmação, o que, para Rorty, não faz sentido. A pretensão de Habermas não se justifica, na medida em que, quando afirmamos algo não apontamos para nada além do que de fato se afirma, nas condições em que de fato se o afirma. Do fato de concluir algo em certo contexto não decorre que esta crença possa ser universalizada e aplica a qualquer contexto e audiência. Se isso fosse o caso, escreve Rorty, sempre que se adquirisse uma crença se estaria tacitamente fazendo uma predição empírica, extremamente injustificada, acerca do que aconteceria, em um número potencialmente infinito de contextos justificatórios, diante de um conjunto de audiências potencialmente infinitamente diverso.⁴

Para Rorty, parece necessário que, ao adotar uma concepção de racionalidade fundada na comunicação, se abandone também a idéia de que uma justificação poderia servir para todos os contextos existente⁵. Rorty entende que uma justificação só pode ser considerada bem

4. RORTY, Richard. Resposta a Jürgen Habermas (Realidade objetiva e comunidade humana) p.216.

5. RORTY, Richard. Resposta a Jürgen Habermas (Realidade objetiva e comunidade humana) p. 215.

sucedido no contexto em que esta foi formulada. O sucesso de uma justificação responde à uma questão posta numa situação, sem que exista razão para fazer quaisquer alegações para além do contexto. Para Rorty, a verdade precisa abandonar o carácter transcendente dado por Habermas e se reduzir a uma possibilidade de resposta a uma necessidade momentânea. Assim, a verdade, para Rorty não deveria se configurar algo que funcione em qualquer contexto; ao contrário, ela se refere a uma resposta útil para resolver uma determinada necessidade – tendo em vista que essa necessidade está vinculada ao seu contexto e pode mudar segundo um contexto diverso.

Objeções de natureza contextualista também são propostas por Rorty, quando se trata da distinção de Habermas entre “convencer racionalmente” e “manipular estrategicamente”. Esta distinção refere-se a que tipo de postura os falantes, no contexto de um diálogo, devem ter para que este seja considerado racional e propício à construção de um consenso verdadeiro. Num diálogo direcionado ao consenso, as partes – numa situação de igualdade de fala – estão disponíveis a eleger como correto o melhor argumento. Por outro lado, manipular estrategicamente é uma forma de argumentação interessada em um fim específico e não produz verdade. Segundo Habermas, só no primeiro tipo de diálogo, – direcionado ao consenso – é possível construir uma verdade que possa ser generalizada a todos os contextos.

Essa distinção para Rorty não passa de senso comum, e não vai além da distinção usual entre honestidade e desonestidade, ela própria depende do contexto. Além disso, Rorty não compreende como esta distinção, que se estabelece de forma dependente do contexto, pode servir para dar condições de possibilidade para a construção de uma verdade que transcende ao contexto. Portanto tornar-se inconsistente a proposta de Habermas de transcender a esfera do interpessoal historicamente

dado – onde, segundo o autor, se constroem os consensos –, rumo a uma universalidade ou incondicionalidade para além dele.

Este carácter de “superioridade” conferido por Habermas à verdade em relação aos contextos significa, para Rorty, o mesmo que acreditar que a verdade se encontra subjacente às coisas e filósofo está responsável, por meio de sua investigação, de desvendá-las.

É pressupor a existência de uma ordem natural de razões, da qual nossos argumentos, com sorte, aproximar-se-ão mais e mais. A idéia de tal ordem é apenas uma relíquia da idéia de que a verdade consiste na correspondência com a natureza intrínseca das coisas, uma natureza que de algum modo precede e subjaz todos os vocabulários descritivos.⁶

A noção de uma ordem natural das coisas que existe independente das relações humanas, e a de uma verdade universal são, para Rorty, uma forma de hipostasiar a verdade. Para o autor, tal elevação conduz à mesma ilusão platônica de construir um ideal para além do mundo das práticas humanas.

Uma linguagem inscrita em um contexto de diálogo ideal que desemboca numa validade universal, é um conjunto de elementos herdados de uma tradição de filosofia que, para Rorty, deve ser superada. Rorty prefere ver uma regressão nessas esperanças de universalidade, esperanças estas que, para ele, já estariam perdidas. Segundo Rorty, é muito mais coerente compreender a justificação e a aceitabilidade vinculadas a cada contexto, do que empreender qualquer busca com a esperança de “descobrir” aquilo que poderia ser intrínseco a humanidade.

Em resumo: o único *normative Bezugspunkt* [ponto referencial normativo] de que acho que necessito é algo que se insere facilmente numa imagem

6. RORTY, Richard. Resposta a Jürgen Habermas (Realidade objetiva e comunidade humana) p.223.

naturalista e darwinista de mim mesmo: sou um organismo cujas crenças e desejos são, em grande medida, o produto de uma certa aculturação.⁷

O conhecimento para Rorty é dependente do contexto e se ele se pretende universal acaba, conseqüentemente, não levando em conta a prática humana. O conhecimento humano não transcende as práticas sociais, e, por isso, um conceito de verdade transcendente não faz sentido.

Conclusão

Para Rorty, não é possível pensar numa concepção de verdade que ultrapasse o contexto da justificação. Assim, ele sugere que se abandone tal pretensão e passe a considerar suficiente para fazer alegações de verdade as evidências oferecidas pelo contexto de justificação. Assim, Rorty propõe um uso apenas “acautelatório” do termo verdade, a partir do qual a distinção entre verdade e justificação é definitiva e totalmente suprimida e um conteúdo bem justificado em certo contexto é tudo o que podemos pretender.

Por outro lado, Habermas considera que é importante separar a justificação racional das certezas comportamentais, onde cabe o termo verdade. Esta separação garantiria a efetividade das decisões tomadas no mundo da vida, que nem sempre passam pelo crivo da argumentação racional, mas que são importantes para realização de ações. Habermas propõe uma ligação entre as certezas sobre o mundo e as justificações racionais, considerando que a verdade depende tanto das certezas comportamentais como da justificação racional.

Enquanto Rorty conclui pelo abandono da preocupação filosófica com o que seja verdade, como se ainda se pudesse se dizer alguma coisa interessante sobre isso, e que o próprio senso comum se liberdade de

7. RORTY, Richard. Resposta a Jürgen Habermas (Realidade objetiva e comunidade humana) p.227.

buscar para ela um valor distintivo, Habermas acha que são as mais cotidianas práticas do mundo da vida que exigem que a distinção entre verdade e justificação permaneça.

Referências bibliográficas

RORTY, Richard. Resposta a Jürgen Habermas (Realidade objetiva e comunidade humana). In: SOUZA, José Crisóstomo (Org.). *Filosofia, Racionalidade, Democracia: Os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

HABERMAS, Jürgen. A virada pragmática de Richard Rorty (Contextualismo, razão e naturalização). In: SOUZA, José Crisóstomo (Org.). *Filosofia, Racionalidade, Democracia: Os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.